A história de um povo nascido no deserto

O profeta Maomé funda o islamismo, há 1,4 mil anos, na região da península Arábica, e dá origem à população árabe, cujo território se expande até formar um império

Manifestações populares, crises políticas e econômicas profundas, insurgências armadas, intervenção militar externa e lutas sectárias. Tudo isso, nos últimos dois anos, abala os alicerces do Oriente Médio e do norte da África, onde boa parte dos países compõe o **mundo árabe** – nações cujas populações compartilham, em sua maioria, a religião islâmica e a língua e a cultura árabes.

Muitos dos países da região vivem sob regimes autocráticos, no qual a autoridade se concentra nas mãos de um único partido ou pessoa. Em vários deles, além de autoritária, a elite dominante é corrupta. Em geral, os dirigentes se mantêm no poder amparados por forças militares. Enquanto isso, com o agravamento da situação econômica, a população sobrevive em condições de pobreza. Os jovens escolarizados são diretamente atingidos, pois, apesar da qualificação, não encontram emprego.

De leste a oeste, as populações locais têm exercido um papel ativo ao exigir mudanças. As revoluções na Tunísia e no Egito, que abriram a Primavera Árabe há pouco mais de dois anos, não se restringem apenas ao enfrentamento com a velha ordem. Tão ou mais intrincado é o processo de construção de um sistema democrático, a principal reivindicação das manifestações populares, em sociedades com um histórico restrito a governos autoritários.

Em certa medida, todos os demais países da região lidam com problemas que envolvem seu sistema político, alianças internas e externas e anseios democráticos. Diversos componentes se misturam nesse caldeirão em ebulição, como a atuação de grupos religiosos fundamentalistas, o enriquecimento de urânio para fins nucleares e o conflito por terra entre palestinos e Israel. Há muitas mudanças em curso no mundo árabe e no Oriente Médio. Só não existe trégua, mas isso não é de hoje.

O surgimento do Islã

No início do século VII, surgiu em Meca, cidade da Arábia Ocidental, um movimento religioso monoteísta. Um comerciante chamado Mohamed (conhecido em português como Maomé) passou a convocar homens e mulheres à submissão à vontade de Deus, expressa no que ele e seus seguidores aceitavam como mensagens divinas reveladas a ele e que, mais tarde, foram consolidadas num livro, o *Alcorão*.

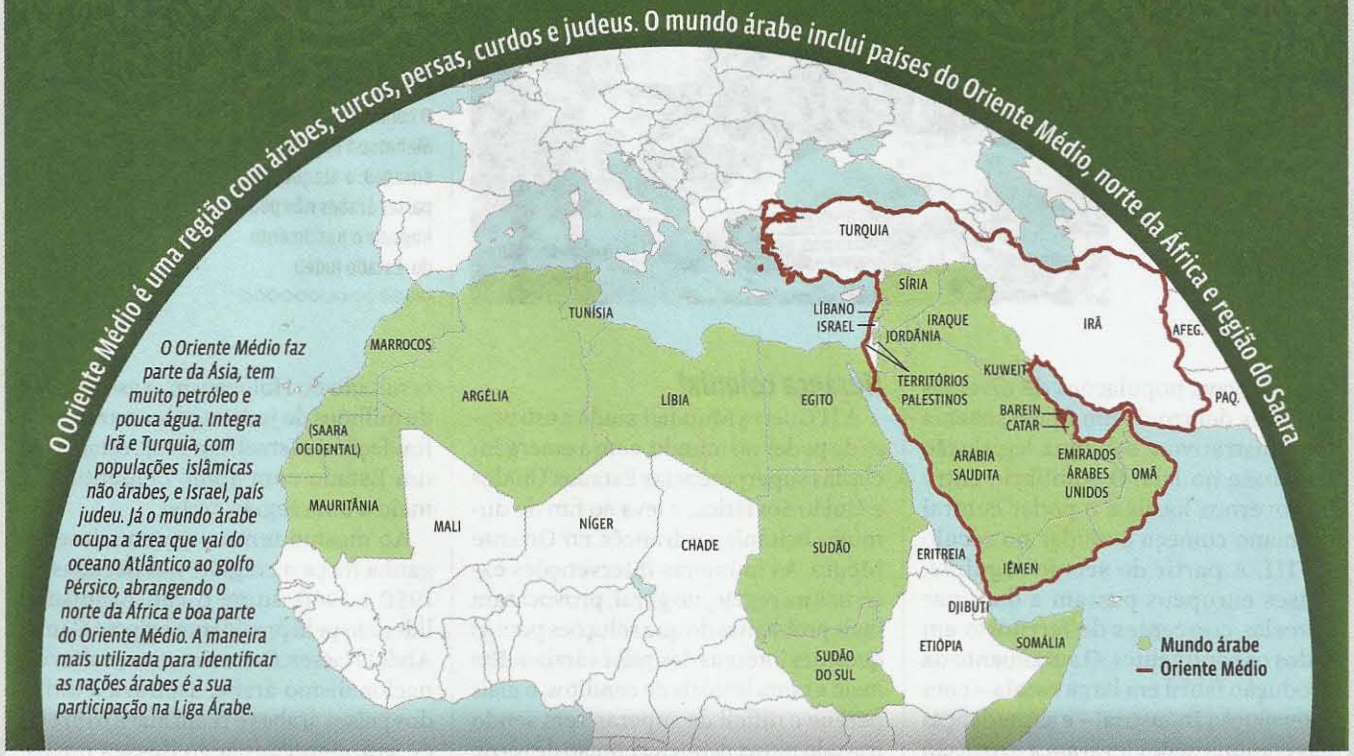
Entre os 6.326 versículos da obra sagrada dos muçulmanos, há desde instruções para o casamento até regras sobre como o governante deve agir na cobrança de impostos. O *Alcorão* é um livro religioso abrangente, que aborda questões econômicas, jurídicas e políticas. As doutrinas contidas no corpo da obra são os fundamentos da legislação de diversos países muçulmanos.

O islamismo reivindica para si a mesma origem do judaísmo e do cristianismo: Maomé seria descendente de Abraão, o patriarca bíblico que, há cerca de 4 mil anos, teria feito uma aliança com Deus para que sua semente prosperasse por todo o planeta. Hoje, mais da metade da população do mundo (cerca de 3,8 bilhões de pessoas) segue uma dessas três crenças. Apesar de terem a mesma raiz, a expansão de cada uma delas provocou, no decorrer da história, muitos conflitos, ligados sempre à conquista de novos territórios para os estados aos quais cada religião era ligada.

Em nome da nova religião, o Islã, exércitos recrutados entre os habitantes da Arábia invadiram os territórios vizinhos e fundaram um novo Império, o Califado, que conquistou parte do Império Bizantino e todo o Império Sassânida, que então dominavam a região. No auge de sua expansão, estendeu-se da Ásia Central até a Espanha (*veja o mapa na pág. ao lado*). A unidade política do Califado durou até o século X, mas a identidade social e cultural desenvolvida por ele continuou até hoje: grande parte da população daquelas regiões se tornou muçulmana (ou seja, seguidores do Islã), e a língua árabe foi difundida e consolidou-se na literatura e em sistemas de lei, teologia e espiritualidade.

Durante os séculos XV e XVI, os territórios de língua árabe foram dominados pelo Império Otomano, fundado por guerreiros vindos da Ásia Central. O Império era um estado burocrático,

ORIENTE MÉDIO. MUNDO ÁRABE E SUAS TRANSFORMAÇÕES



O Oriente Médio faz parte da Ásia, tem muito petróleo e pouca água. Integra Irã e Turquia, com populações islâmicas não árabes, e Israel, país judeu. Já o mundo árabe ocupa a área que vai do oceano Atlântico ao golfo Pérsico, abrangendo o norte da África e boa parte do Oriente Médio. A maneira mais utilizada para identificar as nações árabes é a sua participação na Liga Árabe.

AS MUDANÇAS NO CENÁRIO

IMPÉRIO ÁRABE O nascimento da religião islâmica é o motor do surgimento e da expansão do mundo árabe. O fundador do Islã foi Maomé (570-632), cujas vitórias militares definiram um território e iniciaram a expansão do Império Árabe.

622 A 750

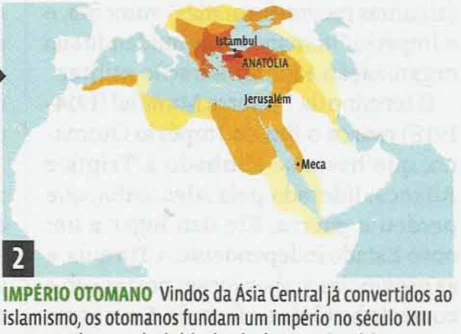
EXPANSÕES
- Profeta Maomé (622 a 632)
- Califado Patriarcal (632 a 661)
- Califado Omíada (661 a 750)

O Califado chegou a locais onde estão hoje Paquistão, oeste da China, sul da Rússia, Turquia, Iêmen e Marrocos. Em 711, o Califado domina quase toda a península ibérica, levando sua cultura para a Europa. É o auge da expansão.

1300 A 1683

EXPANSÕES
- Território Otomano em 1300
- 1300 a 1359
- 1359 a 1451
- 1451 a 1481
- 1512 a 1520
- 1520 a 1566
- 1566 a 1683

Depois da Anatólia Central, os otomanos estendem seus domínios, tomam Constantinopla (Istambul), invadem os Bálcãs e chegam às portas de Viena, atual capital da Áustria.



IMPÉRIO OTOMANO Vindos da Ásia Central já convertidos ao islamismo, os otomanos fundam um império no século XIII que se prolonga até o início do século XX. O império toma Constantinopla em 1453 e a transforma em Istambul.

I GUERRA MUNDIAL Às vésperas da I Guerra Mundial (1914-1918), parte da região integrava o Império Otomano, já reduzido. Outros territórios estavam sob o controle britânico, francês e italiano. Alguns países já estavam independentes.

1800 A 1914

- Limite do Império Otomano em 1800

CONTROLE EM 1914
- Britânico
- Francês
- Italiano
- Espanhol

INFLUÊNCIA EM 1914
- Russa
- Britânica

- Territórios independentes
- Império Otomano em 1914

1920 A 1939

COLÔNIAS E PROTETORADOS
- Britânico
- Francês
- Italiano
- Espanhol

- Territórios independentes
- Fronteiras após 1920
- Países sob o mandato da Sociedade das Nações após 1920

II GUERRA MUNDIAL A configuração política da região, decidida a partir dos acordos secretos de Sykes Picot e de acertos entre França e Reino Unido, mostrou-se muito instável, com governos ditatoriais sob influência externa.

ISRAEL DE PÉ
O comandante sírio Mahmoud Bey Mahdi, em 1948: o ataque dos países árabes não pôde impedir o nascimento do Estado judeu

que abrigava populações de diversas religiões dentro de um único sistema administrativo e sob uma legislação com base no Islã. O equilíbrio entre os governos locais e o poder central otomano começa a mudar no século XVIII. A partir do século seguinte, países europeus passam a dominar parcelas crescentes de território em todos os continentes. O surgimento da produção fabril em larga escala – com a Revolução Industrial – e as mudanças nas comunicações levaram à expansão do comércio europeu para os quatro cantos do mundo. E não foi só isso que cresceu: o poderio militar das nações (algumas recém-formadas) aumenta, e o Império Otomano reage mudando sua organização e administração militar.

O término da I Guerra Mundial (1914-1918) marca o fim do Império Otomano, que havia se alinhado à Tríplice Aliança, liderada pela Alemanha, que perdeu a guerra. Ele deu lugar a um novo Estado independente, a Turquia, e as províncias árabes foram postas sob o controle britânico e francês. Em alguns lugares, o poder dominante fez acordos com as potências europeias e adquiriu certa autonomia, como no Iraque, mas em outros a relação continuou sendo de controle colonial, como na Palestina. A configuração geográfica desses países, bem como as elites selecionadas para ocupar o poder pelas potências dominantes, Reino Unido e França, levavam em conta dois componentes:

- a política de reforço da dominação regional de britânicos e franceses, devido à descoberta de extensas jazidas de petróleo naquela área;
- as disputas entre as elites árabes.

Herança colonial

A II Guerra Mundial muda a estrutura de poder no mundo, com a emergência das superpotências Estados Unidos e União Soviética, e leva ao fim do domínio britânico e francês no Oriente Médio. As inúmeras intervenções externas na região, no geral, provocaram mais problemas do que soluções para as questões internas dos países árabes. Em meio a tanta história de conflitos, o mais perene e difícil de superar vem sendo travado numa pequena porção de terra. Seus protagonistas são árabes palestinos e israelenses. No fim do século XIX, teve início o movimento sionista (*veja na pág. 84*), que objetivava a fundação de um Estado judeu na Palestina. Na época, os judeus foram estimulados a migrar para a região, então província do Império Otomano.

No período final da I Guerra Mundial, com a Declaração Balfour (1917), os britânicos, que passariam a dominar a região, dão seu apoio à formação de um Estado judeu. Começa então uma migração maciça, que se amplia após a II Guerra Mundial (1939-1945), como resultado do Holocausto, o assassinato de milhões de judeus pelos nazistas. A fundação de Israel, em 1948, estabelece um Estado com apoio ocidental em meio a uma região árabe.

Na década de 1950 surge o Pan-Arabismo, liderado pelo egípcio Nasser, promovendo o nacionalismo árabe

Ao mesmo tempo, um movimento ganha força na região: nas décadas de 1950 e 1960, surge o Pan-Arabismo, liderado pelo presidente egípcio Gamal Abdel Nasser. O movimento exaltava o nacionalismo árabe, aspirava à união dos países árabes e reafirmava o direito de autodeterminação desses povos, principalmente os palestinos, população sem Estado. O discurso de Nasser era anti-imperialista e antissionista, e defendia reformas para promover o desenvolvimento econômico e social da região. A derrota do Egito, da Síria e da Jordânia na Guerra dos Seis Dias, em 1967, contra Israel, porém, abre um período de desunião entre os líderes dos vários países árabes.

Com a decadência do colonialismo após a II Guerra Mundial, os países da região haviam ganhado independência, mas as potências buscaram manter sua influência, favorecendo a ascensão de governantes com os quais mantivessem acordos, e, em diversos casos, passam a oprimir minorias alijadas do poder, como os curdos, presentes em diversos países. Alguns presidentes das nações árabes nas décadas de 1950 a 1980, como Nasser, traziam novos projetos nacionais, mas centralizavam o poder e desenvolviam uma política personalista. Muitos deles eram oficiais das Forças Armadas, e sua autoridade se ligava à ação para acabar com a tirania das monarquias, com o fundamentalismo religioso e a pobreza entre a população árabe.

UNIDADE ÁRABE
Reunião da Liga Árabe, na década de 1950 (*à dir.*), e Nasser, em 1958, aclamado pela multidão (*abaixo*): período nacionalista e de defesa da união dos países da região

FOTOS: AFP

Nova era

Os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos, executados pela rede terrorista Al Qaeda, liderada pelo saudita Osama bin Laden, inauguram um novo cenário geopolítico mundial, em especial para as populações árabes. No mesmo ano, os EUA iniciam a guerra no Afeganistão, país asiático com população muçulmana, vizinho ao Oriente Médio. Em 2002, George W. Bush, então presidente norte-americano, define a nova estratégia de segurança nacional, chamada de **Doutrina Bush**. Nela, os EUA resumem as relações internacionais ao embate entre "forças do bem" (sociedades democráticas e seus aliados) e "forças do mal" (organizações/países que patrocinam o terrorismo). Na lista de inimigos, divulgada e redefinida periodicamente por Washington, existiam nações e organizações árabes e muçulmanas. Assim, criou-se uma polarização entre os países ocidentais e o mundo islâmico (*veja na pág. 36*).

Com essa base, os norte-americanos reforçam sua presença militar em todos os continentes e ampliam seu orçamento bélico. Em 2003, os Estados Unidos invadem o Iraque sem a aprovação da ONU e com o auxílio do Reino Unido (*veja mais na pág. 80*). Depois de derrubado o regime de Saddam Hussein, a ocupação no Iraque toma um rumo complexo, com a multiplicação de grupos armados e um conflito que se estendeu até 2011.

Após o 11 de Setembro, o nome de Osama bin Laden ganha fama mundial, inspirando terroristas islâmicos não apenas no Iraque. Vários grupos se autodenominando Al Qaeda (que significa "a base", em árabe), ou agindo em nome de seus objetivos, passaram a organizar atentados na Europa, na África e no Oriente Médio. A Al Qaeda transforma-se em uma organização com estrutura descentralizada e difusa, operando com braços autônomos.

Nesse período, o discurso extremista de Bin Laden (morto pelos EUA em 2011) perdia apelo. Contribuía para isso a violência indiscriminada da Al Qaeda, que matou milhares de muçulmanos no mundo árabe – em especial no Iraque – sob o pretexto de combater as tropas ocidentais. Sua falta de influência real ficou evidente nas revoltas populares que sacudiram a região desde janeiro de 2011. A multidão tomou as ruas na Tunísia, no Egito e em outros países do mundo árabe por liberdade e democracia, e não pela implantação de Estados islâmicos, como defendido por Bin Laden e por grupos fundamentalistas islâmicos. A ampla mobilização popular se distancia dos métodos usados por pequenos grupos de ação clandestina.